



Um vídeo de propaganda do Estado Islâmico (EI) no YouTube supostamente mostra combatentes estudando o Alcorão em um local não revelado no Iraque, (c. Março de 2015). Dizem que esses combatentes estão de férias após um período prolongado de conquista territorial, que incluíam ataques contra yazidis, curdos e diversas denominações de cristãos iraquianos. Subseqüentemente, o vídeo foi removido. (Captura de tela de vídeo do EI no YouTube)

# O Comando de Missão no Estado Islâmico

## A Desconstrução do Mito sobre “Lobos Solitários” no Combate em Profundidade

1º Ten Michael P. Ferguson, Exército dos EUA

*Mas quando os meses sagrados houverem transcorrido, matai os idólatras, onde quer que os acheis; capturai-os, acossai-os e espreitai-os.*

— At Taubah 5

**A**lgumas pessoas do mundo ocidental imaginam, aparentemente, que os atacantes individuais que reivindicam lealdade ao Estado Islâmico (EI) — mas não recebem ordens formais dos seus chefes — são “lobos solitários” ou terroristas totalmente “autorracionalizados”. No entanto, ao usar os princípios doutrinários do Exército dos EUA para conduzir uma análise cuidadosa conclui-se que a ideologia teocrática do EI influencia atacantes individuais a se considerarem dirigidos pela organização militante, apesar de não serem integrantes formalmente registrados. Isso ocorre porque o EI emprega uma forma simplificada, mas altamente eficiente, de Comando de Missão ideológico que orienta tais seguidores, por todo o mundo, a planejar ataques que tenham repercussões estratégicas. Esses atacantes individuais que visam civis, que eles provavelmente consideram como forças inimigas não engajadas, caracterizam um combate em profundidade que tem se tornado, efetivamente, a operação decisiva do EI<sup>1</sup>.

A minimização da importância de tais ataques por falta de conexões diretas, sejam físicas ou de comando, ao EI é contraproducente no esforço de limitar seu poder de recrutamento. Ao examinar a literatura da organização terrorista, no contexto de sua grande estratégia apocalíptica, podemos observar como o EI, às vezes chamado Daesh, vincula a arte operacional aos objetivos estratégicos por meio de uma filosofia típica do Comando de Missão<sup>2</sup>. Mais importante, essas conclusões contribuem com a busca de uma solução possível para a questão mais urgente: Como se pode derrotar uma ideia?

## O Comando de Missão e o Estado Islâmico

O Comando de Missão é uma antiga filosofia que a doutrina do Exército começou a enfatizar na Publicação Doutrinária do Exército 6-0, *Comando de Missão (ADP, Mission Command)*, de 2012. Essa ADP foi, em parte, uma resposta à aumentada incerteza dos ambientes operacionais e ao crescimento de grupos terroristas transnacionais que se beneficiam de uma

organização altamente adaptável e descentralizada<sup>3</sup>. No Exército, o Comando de Missão dá poder de decisão aos comandantes subordinados, promovendo uma estrutura para a condução disciplinada de operações. Mais especificamente, a ADP 6-0 descreve como comandantes, apoiados por seus estados-maiores, “combinam a arte de comando e a ciência de controle para entender a situação, tomar decisões, direcionar a ação e cumprir as missões”<sup>4</sup>.

Por outro lado, o emprego de uma filosofia de Comando de Missão pelo EI depende de um entendimento compartilhado da História, jurisprudência teocrática e *fatwas* emitidas por líderes históricos, como o Imame Ahmad ibn Hanbal (morreu em 855), Ibn Taymiyyah (1263–1328), Sayyid Qutb (1906–1966) e Abdullah Yusuf Azzam (1941–1989), muitos dos quais justificam a escolha de civis, incluindo muçulmanos, como alvos na guerra<sup>5</sup>. Enquanto vivia sob o domínio de mongóis islamizados, Ibn Taymiyyah se distanciou do pensamento islâmico tradicional e emitiu várias *fatwas* que legitimavam a morte de tiranos muçulmanos. Certos salafistas usaram essas *fatwas* para validar o assassinato do Presidente egípcio Anwar Sadat, em 1981, e continuam a citá-las atualmente<sup>6</sup>. Conforme os chefes do EI fortalecem tais ideias, terroristas individuais, às vezes erroneamente rotulados no Ocidente como “lobos solitários” ou “autorracionalizados”, têm tomado a iniciativa para operacionalizar sua ideologia.

Esses termos têm ganhado tanta força que há situações em que líderes políticos têm estruturado suas propostas políticas em torno de como lidar com o “assunto da autorracionalização” e os “ataques de lobos solitários”<sup>7</sup>. Tais propostas operam sob a premissa falsa

### O Primeiro-Tenente

**Michael P. Ferguson**, do Exército dos EUA, é Ajudante de Ordens do Subchefe de Estado-Maior para Operações e Inteligência do Comando da Força Conjunta Aliada em Brunssum, Holanda. É bacharel e mestre com uma tese publicada que analisa a convergência operacional e ideológica da teoria revolucionária leninista e o feudalismo islâmico durante o Século XX. Ensinou na U.S. Army Ranger School (Escola de Comandos do Exército dos EUA) e operações de combate contra o precursor do Estado Islâmico em Ramadi, entre 2005 e 2006, estão incluídas em seus rodízios no Iraque e no Afeganistão.

que esses problemas são isolados, e portanto devem ser tratados de maneira diferente de ataques em solo americano direcionados formalmente, à distância, por um comandante, embora se originem da mesma fonte: a ideologia. Embora as operações militares e a segurança doméstica sejam, sem dúvida, assuntos distintos, tanto no aspecto político quanto legal, a natureza ideológica da ameaça terrorista contra o país e contra as nossas forças no exterior não difere conforme o ambiente. Um jihadista que toma iniciativa com base no seu entendimento da intenção do comandante não é menos perigoso e suas ações não são menos significativas que um que recebe uma ordem verbal ou escrita. A filosofia do Comando de Missão é caracterizada por tal iniciativa e realizada dentro do quadro de um entendimento compartilhado. Este artigo aborda essas falsas premissas enquanto analisa os princípios do Comando de Missão.

Embora a abordagem de Comando de Missão do EI demonstre como seus seguidores compreendem a situação e cumprem as missões, essa filosofia seria de pouco valor se a organização não fosse capaz de sincronizar esses ataques aleatórios em profundidade com os objetivos estratégicos do grupo. Antes de analisar os princípios do Comando de Missão, precisamos primeiro examinar a conexão entre a arte operacional dos ataques terroristas ideologicamente motivados e a ideologia estratégica do EI.

## A Arte Operacional e os Objetivos Estratégicos do Estado Islâmico

O Exército descreve a arte operacional como “a busca de objetivos estratégicos, na totalidade ou em parte, por meio do arranjo de ações táticas no tempo,

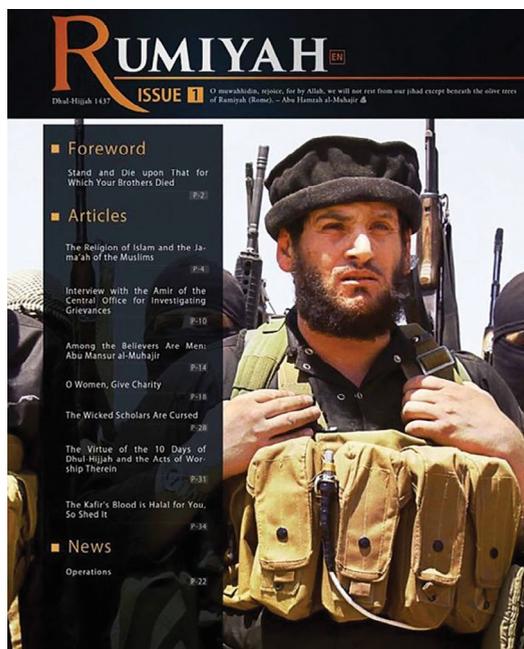
no espaço e de acordo com a finalidade”<sup>8</sup>. Os ataques orientados pela ideologia do EI são exemplos de tais ações táticas. O objetivo estratégico fundamental identificado na ideologia salafi-jihadista (a ideologia do EI e da Al Qaeda) é o desencadeamento do Armagedom muçulmano. Supostamente, esse evento apocalíptico

é desencadeado por meio de uma guerra de atrito prolongada contra o Ocidente, suas ideias e seus sistemas de governo, culminando na sua destruição. Todos os objetivos são suplementares à concretização da profetizada derrota de um grande exército “cruzado” em Dabiq (no norte da Síria) que, supostamente, leva à queda de Roma e de Constantinopla<sup>9</sup>.

Essa profecia é tão central à ideologia do EI que a sua primeira revista no idioma inglês tem o nome da cidade de Dabiq. O nome da sua outra revista on-line, *Rumiyah*, se refere à queda inevitável de Roma e do Vaticano. Cada edição da revista *Dabiq* começa com uma citação do seu pioneiro intelectual moderno, ex-chefe da Al Qaeda no Iraque, Abu Musab al-Zarqawi: “A fagulha foi acesa aqui no Iraque e a sua chama continuará a intensificar-se ... até incendiar o exército dos cruzados em Dabiq”<sup>10</sup>. Por

meio do surgimento de uma desordem generalizada, o EI espera fazer com que as populações estejam mais simpáticas ao controle absoluto da *sharia* (lei religiosa islâmica) e, no final, suscetíveis à imposição de um califado global, uma vez que o Ocidente for levado a sua queda em Dabiq<sup>11</sup>.

Na *fatwa*, de 75 páginas, *In Defense of Muslim Lands* (“A Defesa das Terras Muçulmanas”), o jihadista palestino Abdullah Yusuf Azzam declarou o *jihad* ofensivo como a responsabilidade individual de cada muçulmano, na ausência de um califado<sup>12</sup>. Agora, com a



A *Rumiyah* é a revista on-line formal atual do Estado Islâmico (EI). Apareceu inicialmente como um substituto para a *Dabiq*, a antiga revista on-line oficial do EI, em setembro de 2016, provavelmente devido à perda iminente da cidade de Dabiq para as forças lideradas pelos turcos. A cidade de Dabiq é o suposto local da batalha final entre as forças islâmicas e não islâmicas no final do mundo, segundo a profecia e tradição islâmicas. Da mesma forma, *Rumiyah* é uma alusão à destruição profetizada do cristianismo simbolizado pela conquista e destruição de Roma. (Foto cortesia da Wikipedia)



Uma captura de tela de uma câmera de vigilância mostra Zale Thompson, rotulado um muçulmano autorradicalizado, levantando uma machadinha pouco antes de atacar um grupo de quatro policiais não fardados do Departamento de Polícia de Nova York (NYPD), em Jamaica, Queens, Nova York, 23 Out 14. Thompson morreu baleado por dois desses policiais. (Foto cortesia do NYPD)

existência do EI, essa *fatwa* conta com mais legitimidade no pensamento de seus seguidores, na medida que os chefes do EI defendem o *jihād* global na forma de ataques realizados no campo de batalha em profundidade.

O Brigadeiro paquistanês S. K. Malik chega a conclusões semelhantes no seu livro popular, de 1979, *The Quranic Concept of War* (“O Conceito da Guerra do Alcorão”, em tradução livre). Nesse livro, ele sustenta que, enquanto o sistema herético de nações-Estado permaneça em vigor e a *sharia* não seja a lei universal, é responsabilidade de todos os muçulmanos lutar pela soberania de Deus na terra<sup>13</sup>.

No Século XXI, os radicais se concentram cada vez mais em uma interpretação livre das leis islâmicas relacionadas ao homicídio. Especificamente, eles ressaltam aquelas leis que responsabilizam os indivíduos civis de Estados democráticos por “supostos crimes cometidos pelo seu governo” porque têm dado o consentimento para esses líderes governarem por meio do processo democrático<sup>14</sup>. Essa perspectiva reforça a crença salafista

que só pode haver um Estado e um sistema de governo (um EI sob a lei *sharia*), assim estigmatizando a autoridade de qualquer outro Estado como ilegítima. São ideias como essa que levam alguns islamistas a considerarem a realização de ataques ideologicamente influenciados como uma obrigação, no combate em profundidade contra governos seculares e seus cidadãos. Dessa forma, ideias assim funcionam como o vínculo entre as ações táticas e os objetivos estratégicos. Sua meta é induzir o Ocidente a um combate aproximado por meio de ataques de inquietação no combate em profundidade, assim permitindo que a profecia apocáptica se manifeste.

Embora os ataques ideologicamente motivados talvez não representem uma ameaça a nossa existência no mesmo grau, vamos dizer, da Coreia do Norte, ainda influenciam as políticas ocidentais e não devem, portanto, ser tratados com eufemismos equivocados como “lobo solitário” na tentativa de minimizar o alcance da ideologia<sup>15</sup>. Já em 2014, o Gen James Mattis,

do Corpo de Fuzileiros Navais, atual Secretário de Defesa, declarou que o EI tinha “crescido como uma ameaça estratégica” que usaria seu território como uma “plataforma de lançamento para ataques transnacionais”. Ele continuou, alertando contra o menosprezo ou a desconsideração das ameaças do EI, mesmo que seus seguidores “ainda não [pudessem] realizar suas ambiciosas declarações”<sup>16</sup>. Apesar disso, a maneira como eles empregam uma forma organizada de Comando de Missão é essencial para a maneira como eles podem propagar a sua arte operacional em busca de seus objetivos estratégicos.

## Os Princípios do Comando de Missão do Estado Islâmico

A filosofia do Comando de Missão oferece seis princípios, delineados na doutrina do Exército dos EUA. Cada um desses princípios é compatível com a ideologia do EI. Iremos nos concentrar nos primeiros cinco princípios e explicar por que o sexto, *ordens de missão*, não parece ser caracterizado.

**Formar equipes coesas por meio da confiança mútua.** Embora a confiança precise ser cultivada continuamente em um exército tradicional, o EI estabelece essa conexão por meio de lealdade à sua ideologia religiosa. A doutrina do Exército explica que há “poucos atalhos para conquistar a confiança de outros”, e essa confiança é “obtida ou perdida nas ações cotidianas”<sup>17</sup>. Ao discutir os atributos principais do Comando de Missão em seu documento, de 2012, o Gen Ex Martin Dempsey descreve a confiança como “a força moral” que mantém nossa Força unida, “capacitando muitos para agir como um todo” no emprego do poder de combate<sup>18</sup>. Ele continua, reiterando a importância do papel do comandante no desenvolvimento dessa confiança por meio da integração do Comando de Missão em “arte operacional, planejamento e execução”, um processo complexo que exige uma abrangência e uma profundidade de conhecimento, para ser eficaz.

No caso do EI, a linhagem alegada de Abu Bakr al-Baghdadi da tribo *Quraysh*, da qual o Profeta Maomé era integrante, visa a obrigação de lealdade religiosa entre os fiéis. A alegação de uma conexão de sangue com Maomé é planejada para promover confiança mútua e identidade comum entre os integrantes do EI, independentemente dos fatores culturais, étnicos, econômicos ou de diversidade geográfica, ao explorar

a narrativa de um legado compartilhado que consiste em séculos de apoio às declarações legais islâmicas<sup>19</sup>. Como resultado, não há necessidade do comando desperdiçar tempo construindo equipes fora da organização da liderança central porque os terroristas formam equipes, independentemente de serem conduzidos por um líder ou não.

Os ataques terroristas são instrumentos de comunicação global que funcionam como veículos da ideologia dos atacantes. A mensagem, comunicada por meio dos sistemas modernos da mídia, atinge milhões de pessoas instantaneamente e atrai indivíduos simpáticos à radicalização<sup>20</sup>. Quanto mais chocante for o ataque, maior o público e maior o alcance da mensagem. Inevitavelmente, mais recrutas ficam emaranhados no arrastão ideológico do EI.

O EI projeta ao seu público a impressão de que a inclusão social, a lealdade e a irmandade personificam o seu movimento. Ao vincular seus seguidores a uma ordem antiga de supostos guerreiros devotos, defendendo uma era dourada de pureza religiosa, os integrantes do EI se tornam fundidos em lealdade a um código de conduta mútua que suplanta todas as relações mundanas. Uma vez que a ideologia assume o controle do pensamento dos seguidores, pequenas equipes coesas são autoinduzidas, operando autonomamente com base em um entendimento compartilhado do seu dever.

**Criar entendimento compartilhado.** Um dos maiores desafios para comandantes e estados-maiores “é criar um entendimento compartilhado de seu ambiente operacional, do propósito da sua operação e dos seus problemas e abordagens para a resolução deles”<sup>21</sup>. Embora os exércitos permanentes dependam de ordens de missão adaptáveis e de políticas evolutivas para estabelecer um entendimento compartilhado das prioridades, sob a doutrina salafista esses fatores não mudam.

É fácil imaginar por que islamistas aderem ao *jihad* com tanto vigor. As narrativas das batalhas nas quais Maomé participou — algumas das referências mais sagradas do salafismo — parecem como filmes de ação. As descrições, pelo historiador da Oxford [University] Martin Lings, sobre as Batalhas de Hunayn e Uhud e do Cerco de Tá'if são exemplos. A visualização de Maomé limpando o sangue de inimigos da sua cara com água que tinha acumulado no escudo de seu companheiro apresenta imagens poderosas para jihadistas jovens<sup>22</sup>.

Não surpreende que os seguidores de uma ideologia que exige a emulação do Profeta sejam tão ansiosos a enfrentar pagãos em uma batalha gloriosa.

Para além das batalhas históricas, o entendimento compartilhado do EI é apoiado ainda por séculos de jurisprudência teocrática e violência política<sup>23</sup>. Durante os Séculos X e XI, os discípulos de Ibn Hanbal defendiam a matança daqueles que tinham blasfemado contra o Islã. O Califa al-Qadir apoiava essa posição e a impunha como lei<sup>24</sup>. Mais de um século depois, Abd al-Qadir al-Jilani (morreu em 1166), um acadêmico de Hanbal, argumentou que aos hereges devem ser oferecidas três chances para arrepender-se e converter antes de serem condenados à morte<sup>25</sup>. Vale lembrar que, nos séculos turbulentos do início do Islã, muitos califas foram mortos por insurgências sectárias que alegavam que aquelas autoridades que exerciam o poder eram impuras<sup>26</sup>.

Hoje, por vezes o argumento usado é que, na ausência de um império muçulmano capaz de impor tais leis sobre a humanidade, os extremistas islâmicos modernos, adeptos de tais interpretações medievais da lei islâmica, consideram ataques contra alvos civis como a forma mais célere de “justiça”<sup>27</sup>.

Os exércitos convencionais exigem uma avaliação e reavaliação contínua do ambiente para direcionar os esforços, determinar as prioridades de treinamento e trabalhar para um objetivo comum. Por outro lado, a ideologia do salafismo produz uma unidade de esforço transnacional e transcultural orientada pela Intenção do Comandante, porque essa proporciona um entendimento compartilhado de três elementos:

- A ideologia define o inimigo (*kafir* [infiéis], *taġhut* [tiranos] e o liberalismo clássico)<sup>28</sup>.
- A ideologia define o ambiente operacional (*dar-al-harb* [casa de guerra ou de infiéis] e *dar-al-islam* [casa do Islã])<sup>29</sup>.
- A ideologia define o estado final desejado (um califado global resultante do Armagedom).

**Fornecer uma Intenção do Comandante clara.** A Intenção do Comandante — também conhecida como “o propósito da operação” — é geralmente específica para uma missão particular para os exércitos convencionais<sup>30</sup>. A Intenção do Comandante do EI é invariável e é incutida fortemente em jihadistas dedicados, pelos chefes do grupo<sup>31</sup>. É inequivocamente clara para os seguidores do salafi-jihadismo: lutar contra os

infiéis onde for que os encontrem — não demonstrar misericórdia e instilar “terror nos seus corações”<sup>32</sup>.

Considerando que, para um integrante do EI, não há nenhuma autoridade mais alta que Deus e seu Profeta, as declarações do EI frequentemente se referem às numerosas batalhas que Maomé travou contra hereges e pagãos para justificar o *jihad* ofensivo. Os acadêmicos islâmicos, como Abdullah Yusuf Azzam, têm distorcido o conceito de *jihad* defensivo para retratar qualquer ato de terrorismo como uma defesa das terras muçulmanas. Mais específicos eram os argumentos feitos pelo recém-falecido Anwar al-Awlaki, que insistiu que não era necessário a existência de um califa terreno para declarar um *jihad* ofensivo, se um muçulmano fosse oprimido por infiéis<sup>33</sup>. Malik expressiu convicções semelhantes em relação ao centro de gravidade espiritual da guerra, sugerindo que o terror é a arma mais efetiva contra oponentes ocidentais porque erode sua vontade de lutar<sup>34</sup>.

Na idade da globalização, quando a influência ocidental é quase inescapável, o que pode ser considerado o primeiro versículo de *jihad* no Alcorão se sobressai como particularmente relevante: “A permissão [para lutar] é concedida àqueles contra os quais a guerra está travada, porque foram prejudicados”<sup>35</sup>. Levar o Ocidente a uma conflagração global por meio de ataques ideologicamente motivados serve aos objetivos estratégicos do EI e a ideologia concede uma autoridade divina às suas declarações.

Um dos papéis do comandante esboçados na ADP 6-0 é influenciar públicos ao desenvolver equipes “dentro e fora das suas organizações”<sup>36</sup>. Para o EI, não há um elemento externo. Há apenas essas forças engajadas no combate em profundidade (a luta contra o que ele considera forças inimigas não engajadas). A realização de um ataque após declarar fidelidade ao EI faz com que o seguidor seja tão integrante do grupo quanto qualquer guerrilheiro lutando no Iraque ou na Síria. Os terroristas ideologicamente motivados executam o combate em profundidade enquanto se consideram infiltrados atrás das linhas inimigas e eles não requerem intenção específica de missão para realizar operações que promovam os objetivos estratégicos<sup>37</sup>. Esse elemento é tão essencial para a visão do EI quanto qualquer insurgente lutando no Oriente Médio — se não até mais.

Para clarificar, precisamos pensar sobre ataques individuais como a vanguarda do combate em

profundidade do EI, não ações impulsivas de párias erráticos, enquanto guerrilheiros do Oriente Médio em conflito com forças militares representam o combate *aproximado*<sup>38</sup>. Influenciar esse elemento em profundidade para abalar as *forças inimigas não engajadas* (no caso do EI, isso significa todos os infiéis) — uma missão transmitida claramente pela ideologia da organização — é semelhante às responsabilidades do comandante esboçadas na doutrina do Exército<sup>39</sup>.

A clareza da intenção é simples para que não haja necessidade de qualquer contato (físico ou por meio de uma cadeia de comando) entre a organização e seus seguidores, para eles buscarem objetivos operacionais e cumprirem a intenção estratégica. Isso torna os termos lobo solitário e autorradicalizado imprecisos porque tais rótulos implicam uma desvinculação ou até uma desassociação do grupo ao qual os jihadistas alegam lealdade. A declaração da *shahada* (declaração islâmica de fé) e fidelidade a al-Baghdadi faz que radicais entrem em um âmbito etéreo onde operam sob um entendimento compartilhado com uma intenção clara. Essa é a abordagem preferida da organização porque ataques contra civis no combate em profundidade atraem mais atenção e mais recrutas do que os engajamentos militares<sup>40</sup>.

**Exercer a iniciativa disciplinada.** O Exército dos EUA define a iniciativa como a tomada de ação apropriada na ausência de ordens. Nesse contexto, todo o combate em profundidade do EI depende da iniciativa dentro da Intenção do Comandante. Considerando que terroristas ideologicamente orientados não recebem ordens formais, eles operam com base em um entendimento compartilhado de que a falta de tomar a iniciativa, uma vez o *jihad* tenha se tornado uma obrigação individual, pode condenar suas almas ao inferno<sup>41</sup>. Os islamistas do combate em profundidade são compelidos a agir por essa característica da sua ideologia que é reforçada por chamadas regulares para ação.

Para o jihadista, a disciplina ao tomar a iniciativa é somente relevante na medida em que permite que um ataque se realize. Os exércitos modernos consideram uma miríade de fatores quando navegam em suas metodologias de planejamento, mas esses fatores não são contribuições para as medidas que avaliam os graus de sucesso ou fracasso das operações de terroristas. Uma exagerada simplicidade e um maior limite para o risco operacional representam mais oportunidade para o emprego de iniciativa.

**Aceitar o risco prudente.** A prudência talvez seja um fator na fase de planejamento de ataques terroristas, mas a sobrevivência durante a execução não é. Em termos históricos, um mártir islâmico normalmente não acabava com a própria vida. Em vez disso, ele escolhia “colocar-se em uma situação em que seria bem provável que morresse e, assim, não violava a proibição de suicídio no Alcorão”<sup>42</sup>.

A maioria dos jihadistas opera sob a premissa que morrerá durante seu ataque, e por boa razão. Os versículos do Alcorão que glorificam a morte e advertem contra o apego “excessivo à terra” possibilitam a crença de que o falecimento em combate concede maior conforto no “além”<sup>43</sup>. Os radicais individuais não precisam de comandantes do EI para lhes dar ordens para assumir risco porque isso é exigido por sua ideologia. O risco quase se torna um fator marginal de planejamento quando a taxa de perdas aceitável é 100%. Isso expande exponencialmente a oportunidade e a recompensa operacional, considerando que a “vontade de aceitar o risco prudente é, frequentemente, a chave para expor as fraquezas do inimigo”<sup>44</sup>.

A ideologia do salafi-jihadismo (uma combinação de versículos religiosos, referências históricas e *fatwas*) é, em efeito, uma doutrina de Comando de Missão que incentiva e capacita operações decisivas no combate em profundidade. Os ataques são realizados não por lobos solitários anômalos, mas, na maior parte, por uma matilha de lobos centralizada, com uma mente coletiva. O único princípio em falta é a emissão de ordens de missão, porque a doutrina do EI é a ordem de missão.

## Os Sistemas de Comando de Missão

A economia em sistemas de Comando de Missão do EI desempenha um papel significativo na realização de seus objetivos, sem a necessidade de ordens de missão convencionais. Uma força armada precisa administrar um processo delicado de orçamento e de planejamento de longo prazo para obter e manter os recursos necessários para a manutenção adequada dos sistemas de Comando de Missão<sup>45</sup>. Esses sistemas são proporcionados por meio da iniciativa do indivíduo ou célula jihadista sem custo — monetariamente ou de outra forma — ao grupo de comando do EI.

O EI recruta pessoal por meio de redes autônomas e ideologicamente homogêneas que exploram os benefícios de sistemas de informações públicas de emprego



Um vídeo de instrução do Estado Islâmico (EI) intitulado "Explicação de Como Abater Infiéis" retrata um terrorista usando uma balaclava em uma cozinha explicando como fabricar bombas. Subseqüentemente, o vídeo foi removido. (Captura de tela de vídeo do EI no YouTube)

múltiplo, como a mídia social. Nesse sentido, emprego múltiplo significa que o EI pode operacionalizar a ideologia por meio de sistemas de informações públicas acessíveis gratuitamente que não apenas lhe fornecem pessoal, mas, também ajudam-no a manter redes e difundir processos e procedimentos. As células individuais se tornam responsáveis pelas instalações e equipamentos no seu nível, removendo o ônus de comando do EI. Além disso, isso permite que o grupo ressalte, seletivamente, as operações mais efetivas, das quais os chefes se apropriam. Ao tornar o combate em profundidade essencialmente a operação decisiva, o retorno sobre o investimento é significativo, de maneira que o EI pode buscar seus objetivos estratégicos enquanto assume pouco risco e gasta mínimos recursos.

Como demonstrado pelos ataques terroristas nos EUA, os islamistas que atuam no combate em profundidade operam independentemente, sem apoio material dos chefes do EI. Eles não têm ordens de missão, mas suas operações refletem o Comando de Missão do

EI. Eles só precisam de um entendimento compartilhado que permite que eles tomem iniciativa disciplinada dentro da Intenção do Comandante com base na sua própria avaliação dos riscos; todos esses elementos do Comando de Missão são proporcionados pela sua ideologia religiosa<sup>46</sup>.

## Mudando o Paradigma

Precisamos refinar a discussão pública sobre o EI. Segundo Ibn Taymiyyah, o estabelecimento de um califado ressalta a distinção entre o domínio do Islã e o dos infiéis, assim tornando ainda mais obrigatório o *jihad* individual em defesa das terras de Deus — particularmente naquelas terras ocupadas pelos infiéis. Nesse contexto, o termo "ocupado" é mais abrangente do que presumido pela convicção geral. Os seguidores do EI acreditam que o mundo pertence a Alá; portanto não são apenas as nações muçulmanas com tropas estrangeiras em seu território que são consideradas ocupadas e em necessidade de liberação, mas também

o mundo inteiro<sup>47</sup>. Ibn Taymiyyah escreveu que todos os humanos eram mandados por Deus a abandonar a descrença, enquanto Sayyid Qutb reforçou a obrigação para emancipar toda a humanidade da impiedade por meio de pregação ou do *jihad*<sup>48</sup>.

Independentemente de quanto seus números diminuam, os salafi-jihadistas continuarão as operações, pelo menos até acreditarem que suas profecias foram refutadas. A sua ideologia insiste que quanto mais feroz a batalha se tornar, mais próximo estarão “do limiar da vitória prometida, assistido pelo Mahdi e Jesus”<sup>49</sup>. Essas crenças têm precedente. Durante a Batalha de Badr, embora sobrepujado vastamente em números por seus inimigos coraixitas, Maomé foi vitorioso no final<sup>50</sup>. Pode-se argumentar que os crentes verdadeiros do EI se tornam mais confiantes quando cercados por exércitos “cruzados”.

A batalha contra o EI é uma guerra de ideias poderosas. Shmuel Bar, um bolsista da Hoover Institution e veterano de Inteligência israelense, articula isso sucintamente:

Essa guerra de ideias é uma guerra religiosa. Se o Ocidente a percebe assim ou não, essa é a forma pela qual ela tem sido definida pelo adversário. ... o terrorismo islâmico encontra legitimidade e justificativa nos costumes e pensamento legal islâmicos e qualquer tentativa de lidar com ele se-parado da sua fonte intelectual, cultural, religiosa e legal será em vão<sup>51</sup>.

A tendência de tentar validar as credenciais dos terroristas ao vinculá-los a figuras humanas no Oriente Médio por meio de telefonemas ou e-mails após um incidente reflete uma má compreensão da sua inspiração ideológica. Ainda mais enigmático é o alívio presumivelmente associado com a falha de descobrir tais vínculos, como se as implicações do ataque fossem, de alguma forma, reduzidas desde que não exista nenhum contato direto.

Considere, por exemplo, os ataques em Orlando e em San Bernardino. As conferências de imprensa e jornais ficaram rapidamente inundados com garantias que não havia uma indicação de que o EI “treinou ou instruiu” os atiradores, apesar de eles terem prometido fidelidade ao grupo e tomado ação de acordo com a sua ideologia<sup>52</sup>. Esses ataques mostram que pessoas sem vínculos formais aos grupos terroristas estrangeiros

tomam iniciativa para realizar os objetivos desses grupos. Qual, então, seria o benefício dos chefes do EI em aceitar o risco de estabelecer conexões formais e rastreáveis se eles podem realizar seus objetivos sem fazer isso? Não estamos lutando contra um inimigo incoerente e desconexo; atacantes aparentemente independentes estão, de fato, realizando a missão do EI apesar de não receberem ordens específicas.

Não obstante, o desejo de conectar ataques a pessoas físicas é compreensível, na medida que isso reduz os métodos e meios pelos quais o Estado pode buscar soluções. Se um único alvo físico assumir responsabilidade pelo ataque, a eliminação desse alvo cria a ilusão temporária de uma solução, mas o problema persistirá<sup>53</sup>.

Em vez de promover educação em relação às diferenças entre jihadistas e a grande maioria de muçulmanos praticantes, alguns negam que há uma conexão entre o terrorismo islâmico e o Islã<sup>54</sup>. Isso é errôneo e contraproducente. Negar as conexões claras do terrorismo islâmico ao islamismo feudal produz a própria complacência que essa negação espera desestimular ao garantir que a ideologia de nossos inimigos permaneça esotérica. Restringir essa ideologia aos cantinhos escuros do discurso público faz com que seja muito mais fácil para o público canalizar improdutivamente sua ira pela sequência de ataques terroristas para o que muitos percebem como o alvo maior e mais visível: a religião muçulmana como um todo. Consequentemente, a falha de expor as complexidades da ideologia salafista e debater suas legitimidades ou falta delas na esfera pública pode levar a mais dilemas provenientes da desinformação; isso não irá reduzi-las.

Os seguidores do EI contam com uma convicção compartilhada que, como seus heróis que os precederam, chefes muçulmanos apóstatas irão marcá-los como “não islâmicos” e persegui-los pela sua piedade. Por exemplo, o pai do hanbalismo, Imame Ibn Hanbal, foi aprisionado por seu extremismo, como foram Ibn Taymiyyah e Sayyid Qutb muitas gerações depois<sup>55</sup>. Consequentemente, quanto maior a resistência que os jihadistas enfrentam do Islã populista, mais coesos podem se tornar no seu sentido de retidão. Isso só reforçaria as lentes binárias pelas quais os jihadistas veem o mundo e, nos seus olhos, legitimaria mais a seleção indiscriminada de Estados-nação impuros e dos cidadãos que os habitam como alvos.

## Conclusões e Recomendações

Uma conclusão significativa obtida desse estudo é a necessidade de um afastamento da crença de que ataques terroristas com unidade de esforço precisam ser definidos como o produto de ordens de missão estabelecidos pelo comando. O termo lobo solitário é um erro que deve ser descartado porque minimiza o significado de tais ataques. O EI é capaz e determinado a vincular arte operacional a objetivos estratégicos por meio de um método de Comando de Missão ideológico que ressalta o combate em profundidade. Em vez disso, devemos simplesmente chamá-los jihadistas ou terroristas islâmicos.

As conversações envolvendo o centro de gravidade ideológico do EI, às vezes, terminam em uma pergunta: Como se pode derrotar uma ideia? A resposta é encontrada em um processo de visível repúdio a suas profecias por meio de ação pública.

Os ataques ideologicamente motivados são exemplos da arte operacional caminhando para realizar a meta estratégica do EI de atrair o Ocidente para uma confrontação final onde, supostamente, o califado triunfará sobre um “exército cruzado” em Dabiq. A destruição do EI em Dabiq pode oferecer uma janela de

oportunidade porque ela não apenas anulará as forças do combate aproximado do EI, mas também desacreditará a ideologia que reforça as ações de seu elemento em profundidade incumbido com a missão de “ruptura” das forças inimigas supostamente não engajadas no Ocidente. Desacreditar essa ideologia irá isolá-la e estabelecer linhas claras de divisão entre a população muçulmana global e os extremistas entre eles. Isso também, vai “fixar” a ideologia visada, fazendo que seja mais vulnerável a ataques de operações de informações e de iniciativas de reforma.

Antes de podermos reduzir os benefícios do entendimento compartilhado do EI, precisaremos desenvolver primeiro um entendimento compartilhado de suas operações em profundidade. Durante depoimento perante o Comitê de Inteligência da Câmara dos Deputados sobre a ameaça do EI, em 2014, Mattis priorizou claramente: “A estratégia robusta e coerente para despedaçar os planos do inimigo precisa começar com nossa compreensão de sua visão mundial irreconciliável”<sup>56</sup>. Entender como o Comando de Missão do EI mobiliza o combate em profundidade ao conectar a arte operacional aos objetivos estratégicos é um passo na direção certa. ■

## Referências

**Epígrafe.** Alcorão 9:5. O At Taubah é o nono capítulo do Alcorão.

1. Por todo esse estudo, os ataques ideologicamente motivados do Estado Islâmico (EI) são representados como a vanguarda de um combate em profundidade que visa forças inimigas não engajadas, como descrito na Army Doctrine Reference Publication (ADRP) 3-0, *Unified Land Operations* (Washington, DC: U.S. Government Publishing Office [GPO], May 2012 [já revogada; substituída em novembro de 2016 pela ADRP 3-0, *Operations*]), p. 1-11.

2. Os termos EI e Daesh podem ser usados como equivalentes.

3. Numerosos estudos sugerem que a assimilação de uma filosofia de Comando de Missão ajudará a satisfazer a crescente exigência por “iniciativa descentralizada” de nossos líderes. O ambiente, em grande parte, não convencional em que nossas forças têm operado ao longo dos últimos 15 anos tem ressaltado a necessidade (e às vezes, a deficiência) de genialidade criativa dentro de nossas fileiras, segundo Curtis D. Taylor, *Breaking the Bathsheba Syndrome: Building a Performance Evaluation System that Promotes Mission Command* (Carlisle Barracks, PA: U.S. Army War College Press, 2015), p. 3. Além disso, o Gen Ex Martin E. Dempsey reforça

a crescente necessidade de comandantes que possuam superior “criatividade, adaptabilidade, pensamento crítico e capacidade de tomada de decisão independente e rápida”, em Dempsey, “Mission Command” (white paper, Joint Chiefs of Staff, 3 Apr. 2012), p. 6, acesso em: 18 jul. 2017, <http://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Publications/missioncommandwhitepaper2012.pdf>.

4. Army Doctrine Publication (ADP) 6-0, *Mission Command* (Washington, DC: U.S. GPO, May 2012), p. ii.

5. Shmuel Bar, *Warrant for Terror: Fatwas of Radical Islam and the Duty to Jihad* (Oxford, UK: Rowman & Littlefield, 2006), p. 49–55. Numerosas *fatwas* por todo a História do Islã justificam a seleção de civis e outros muçulmanos como alvos durante a guerra, sob certas condições.

6. Mona Hassan, “Modern Interpretations and Misinterpretations of a Medieval Scholar: Apprehending the Political Thought of Ibn Taymiyya,” in *Studies in Islamic Philosophy: Ibn Taymiyya and his Times*, eds. S. Nomanul Haq, Yossef Rapoport e Shahab Ahmed (Oxford, UK: Oxford University Press, 2010), p. 355–56.

7. “Hillary Clinton on Tackling Self-Radicalization: ‘We Need to Get to Work,’” transcrição da National Public Radio, 13 Jun. 2016, acesso em: 18 jul. 2017, <http://www.npr.org/2016/06/13/481860102/>

[hillary-clinton-on-tackling-self-radicalization-we-need-to-get-to-work](#). Esta entrevista na National Public Radio ocorreu logo após o ataque na boate em Orlando, onde 49 pessoas morreram.

8. ADP 3-0, *Operations* (Washington, DC: U.S. GPO, November 2016), p. 4.

9. Patrick Sookhdeo, *Unmasking Islamic State: Revealing their Motivation, Theology and End Time Predictions* (McLean, VA: Isaac Publishing, 2015), p. 46–48.

10. "The Return of the Khilafah," *Dabiq* 1, Ramadan 1435 (July 2014), p. 1, acesso em: 27 jul. 2017, <http://media.clarionproject.org/files/09-14/isis-isil-islamic-state-magazine-issue-1-the-return-of-khilafah.pdf>. Esta citação aparece na primeira página de todas as edições.

11. Sookhdeo, *Unmasking Islamic State*, p. 18–20. Os chefes do EI acreditam que não há uma separação entre a religião e o Estado, porque a *shari'ah* é o caminho para uma existência humana utópica.

12. Sheikh Abdullah Yusuf Azzam, "Defence of the Muslim Lands: The First Obligation after Iman," acesso em: 28 jul. 2017, <http://johnclamoreaux.org/smu/islam-west/s/azzam-def.pdf>.

13. Sebastian Gorka, "The Enemy Threat Doctrine of Al Qaeda: Taking the War to the Heart of our Foe," in *Fighting the Ideological War: Winning Strategies from Communism to Islamism*, eds. Katharine Cornell Gorka e Patrick Sookhdeo (McLean, VA: Isaac Publishing, 2012), p. 199–200.

14. Shiraz Maher, *Salafi-Jihadism: The History of an Idea* (Oxford, UK: Oxford University Press, 2016), p. 41–42.

15. John Lewis Gaddis, *Surprise, Security, and the American Experience* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003), p. 69–80. O argumento pode ser que todo terrorismo é estratégico para essa finalidade. Os piores ataques são geralmente aqueles considerados inimigáveis antes de ocorrerem.

16. Depoimento por James Mattis (Corpo de Fuzileiros Navais, Reserva Remunerada, ex-Comandante do Comando Central dos EUA), *Hearings on the Threat Posed by the Islamic State of Iraq and the Levant (ISIL), al-Qa'ida, and other Islamic Extremists, Before the House Permanent Select Committee on Intelligence*, 113º Congresso (18 Sep. 2014), acesso em: 19 jul. 2017, <http://intelligence.house.gov/sites/intelligence.house.gov/files/documents/mattistestimony09182014.pdf>.

17. ADP 6-0, *Mission Command*, p. 2–3.

18. Dempsey, "Mission Command" white paper, p. 6. Talvez não haja uma descrição mais adequada de como a confiança mútua do EI conduz a Intenção do Comandante: ao permitir que muitos ajam como um todo.

19. Para mais sobre isso, veja Jonathan P. Berkey, *The Formation of Islam: Religion and Society in the Near East, 600-1800* (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003); Roel Meijer, ed., *Global Salafism: Islam's New Religious Movement* (New York: Columbia University Press, 2009).

20. Scott Helfstein, *Edges of Radicalization: Ideas, Individuals and Networks in Violent Extremism* (West Point, NY: The Combating Terrorism Center at West Point, 2012), p. 21. As quatro fase da radicalização: consciência, interesse, aceitação e implementação.

21. ADP 6-0, *Mission Command*, p. 3.

22. Martin Lings, *Muhammad: His Life Based on the Earliest Sources* (Rochester, VT: Inner Traditions, 2006), p. 193, 317–20.

23. Sookhdeo, *Unmasking Islamic State*, p. 18–27, 37–60.

24. Patricia Crone, *God's Rule: Six Centuries of Medieval Islamic Political Thought* (New York: Columbia University Press, 2004), p.

302. O Califa al-Qadir (991-1031) frequentemente decapitava aqueles que tinham blasfemado contra o Profeta ou os primeiros califas (*Rashidun*).

25. *Ibid.*, p. 391.

26. Berkey, *Formation of Islam*, p. 71–102.

27. A *shahada* declara isso explicitamente, da mesma forma que muitos *ahadith* e numerosas diatribes em todas as edições da *Dabiq*. Além disso, isso é exprimido liberalmente na propagando do EI; veja "The Kafir's Blood," *Rumiyah* 1 (2016), p. 34, acesso em: 19 jul. 2017, <https://azelin.files.wordpress.com/2016/09/rome-magazine-1.pdf>.

28. Meijer, *Global Salafism*, p. xi, xiv. *Kafir*: infiéis. *Taghut*: tiranos (geralmente em referência aos líderes muçulmanos moderados).

29. Sayyid Qutb, *Milestones* (New Delhi: Islamic Publications Ltd., 2002). *Dar-al-harb*, Casa de Guerra (Os EUA e territórios ocidentais) e *dar-al-islam*, a Casa do Islã. Sayyid Qutb frequentemente emprega esses termos em suas obras.

30. ADP 6-0, *Mission Command*, p. 3.

31. O judaísmo é representado como uma encarnação do anticristo em certos folclores islâmicos, tal como o "Hadith Longo" de Ibn Hanbal. David J. Halperin, "The Ibn Sayyad Traditions and the Legend of Al-Dajjal," *Journal of the American Oriental Society* 96, no. 2, (April-June 1976): p. 213–25, acesso em: 19 jul. 2017, <http://www.jstor.org/stable/599824>; veja também Lizzie Dearden, "ISIS Calls on Supporters to Wage 'All-out war' on West during Ramadan with New Terror Attacks," *The Independent*, 26 May 2017, acesso em: 28 jul. 2017, <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/isis-ramadan-2017-all-out-war-west-new-terror-attacks-manchester-suicide-bombing-islamic-state-a7758121.html>.

32. "The Kafir's Blood," p. 36.

33. Maher, *Salafi-Jihadism*, p. 31–39.

34. Gorka, "Enemy Threat Doctrine," p. 199–200.

35. Maher, *Salafi-Jihadism*, p. 39–40.

36. ADP 6-0, *Mission Command*, p. 10.

37. "The Murtadd Brotherhood," *Dabiq* 14 (2016), p. 17.

38. ADP 3-0, *Operations*, p. 10. O combate em profundidade envolve "esforços para prevenir que as forças inimigas não engajadas sejam empregadas de uma maneira coerente". Para o EI, cada homem, mulher e criança morando fora da *sharia* são forças inimigas não engajadas. As operações *aproximadas* envolvem "operações que estão dentro da área de operações de um comandante subordinado".

39. "The Kafir's Blood," p. 35; IS, "The Murtadd Brotherhood," p. 17.

40. "The Murtadd Brotherhood," p. 17. O EI avisa seus seguidores no exterior a ficarem dentro do seu país de residência e ataquem civis "atrás das linhas inimigas" se não podem fazer a *hégira* para a Síria. Os ataques já não moldam as operações.

41. Bar, *Warrant for Terror*, p. 36–37.

42. *Ibid.*, p. 60.

43. *Ibid.*, p. 59–60. [O texto se refere ao seguinte versículo do Alcorão (extraído da tradução de Samir El Hayek, disponível on-line): "Ó fiéis, que sucedeu quando vos foi dito para partirdes para o combate pela causa de Deus, e vós ficastes apegados à terra? Acaso, preferíeis a vida terrena à outra? Que ínfimos são os gozos deste mundo, comparados com os do outro!" At Taubah 9:38 — N. do T.]

44. ADP 6-0, *Mission Command*, p. 5.

45. Ibid., p. 11-12. Os cinco sistemas de Comando de Missão são pessoal; redes; sistemas de informações; processos e procedimentos; e instalações e equipamentos.

46. "The Kafir's Blood," p. 34-36.

47. Bar, *Warrant for Terror*, p. 18-19. Veja também Qutb, *Milestones*. Qutb acreditava que pessoas nascem em um estado de consciência onde o Islã é a verdade. Consequentemente, aqueles que deixam de aceitar essa verdade permanecem intencionalmente confinados em uma prisão espiritual, da qual precisam ser "liberados".

48. Para a declaração de Ibn Taymiyyah, veja Livnat Holtzman, "Human Choice, Divine Guidance and the Fitra Tradition: The Use of Hadith in Theological Treatises by Ibn Taymiyya and Ibn Qayyim al-Jawziyya," in *Studies in Islamism: Ibn Taymiyya and His Times*, eds. S. Nomanul Haq, Yossef Rapoport e Shahab Ahmen (Oxford, UK: Oxford University Press, 2010), p. 177; para a declaração de Qutb, veja Qutb, *Milestones* (1964), p. 20-21.

49. Sookhdeo, *Unmasking Islamic State*, p. 50. Isso é uma

referência à batalha final entre o *mujahid* e os cruzados em Dabiq, que desencadeia a chegada do *Mahdi* (o Messias profetizado) e a destruição de *al-Dajjal* por Jesus.

50. Lings, *Muhammad*, p. 149-56.

51. Bar, *Warrant for Terror*, p. 113.

52. Lizette Alvarez e Richard Perez-Pena, "Orlando Gunman Attacks Gay Nightclub, Leaving 50 Dead," *New York Times* online, 12 Jun. 2016, acesso em: 17 jul. 2017, <https://mobile.nytimes.com/2016/06/13/us/orlando-nightclub-shooting.html>.

53. A morte de Osama bin Laden é um exemplo. A sua morte, por si só, não podia conter a difusão de sua ideologia.

54. Phillip Swarts, "CIA Director Echoes Obama: Islamic State is not Islamic," *Washington Times*, 14 Mar. 2015, acesso em: 28 jul. 17, <http://www.washingtontimes.com/news/2015/mar/14/john-brennan-cia-director-backs-obama-islamic-stat/>.

55. Maher, *Salafi-Jihadism*, p. 31-32.

56. Mattis, *Hearings on the Threat Posed by the Islamic State of Iraq and the Levant*.